

BULLYING VERBAL: PREVALÊNCIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Morgana Alves Correia da Silva,¹; Maiara Larissa Pereira da Silva,¹; Lara Colognese Helegda,²; Sérgio Matias da Silva,³;

1. Universidade Federal de Pernambuco/CAV – morganaalvess1212@gmail.com

1. Universidade Federal de Pernambuco/CAV – mayml.silva22@gmail.com

2. Universidade Federal de Pernambuco/CAV - laracolognese@yahoo.com.br

3. Universidade Federal de Pernambuco – sergio.matias@ufpe.br

Introdução

A adolescência é um período em que ocorrem grandes mudanças psíquicas, relacionais e fisiológicas, compreendendo a faixa etária entre 10 a 19 anos de idade (OMS, 1986). Para que haja um bom desenvolvimento dentro desses aspectos é necessário que o jovem esteja incluso em um ambiente no qual sinta-se bem, seguro e confortável, caso contrário, podem ocorrer danos emocionais, cognitivos, afetivos, sexuais e psicológicos, sendo que nesses períodos grande parte do tempo, esses adolescentes encontram-se em ambiente escolar, o que denota uma atenção maior com esses indivíduos (UNICEF, 2011) .

No Brasil, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) foi realizada uma pesquisa no estado do Rio de Janeiro, nos anos de 2002 e 2003 onde participaram 5428 crianças, com uma média de idade de 13 anos, sendo 50,5% meninos e 49,5% meninas. Destes, 16,9% foram identificados como vítimas, 10,9% vítimas / agressores, 12,7% agressores, e 57,5% testemunhas conforme (LOPES, 2005). Nesta faixa etária, os alunos se encontram no segundo fundamental abrangendo-se estudantes com idades entre 12 a 15 anos.

A escola é um importante ambiente de construção do conhecimento e socialização dos alunos. Segundo Sawaya (2002), a escola parece portar funções variadas, entre elas: função social, política e pedagógica. Esta, ainda, é um ambiente no qual transmite diversas contribuições para a sociedade, entretanto pode, também, apresentar problemas e, entre eles, está a agressão classificada como bullying.

Bullying é uma subcategoria do comportamento agressivo que ocorre entre dois indivíduos, ou seja, entre os pares (Olweus, 1993). Todo bullying é uma forma de agressão, entretanto nem toda agressão é classificada como bullying. O comportamento agressivo entre estudantes é um problema universal, tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado ou não valorizado pelos adultos.

Ações de bullying podem causar diversos problemas, entre eles, estão os de autoestima. Esses afetam a saúde mental, desenvolvem anorexia, bulimia, depressão, ansiedade, suicídio e outros, conforme (Guareschi, 2008). Nas ações de bullying os adolescentes podem estar envolvidos de diferentes formas, fazendo com que essas assumam papéis diferenciados, dentre estes, têm-se vítimas, agressores, vítimas-agressoras e espectadores.

O bullying tem sido classificado em diferentes tipos que incluem o físico, verbal, relacional e eletrônico (Berger, 2007). Atualmente no Brasil existe um projeto de lei de combate ao

bullying, Lei 13.185/2015, no qual categoriza o bullying em oito tipos, que assim se apresentam: Físico (violência como bater em um colega repetidas vezes); Psicológico (perseguir, amedrontar, aterrorizar, manipular, intimidar, dominar, chantagear o colega); Moral (difamar, caluniar ou espalhar um boato); Verbal (insultar ou xingar de forma repetitiva ou criar apelidos que humilham os colegas); Sexual (assediar, induzir ou abusar); Social (ignorar, isolar ou excluir constantemente um colega do convívio social); Material (furtar, roubar ou destruir os pertences de alguém); Virtual (humilhar os colegas pela rede, enviar mensagens que invadem a intimidade, falsificar fotos e dados pessoais provocando sofrimentos e constrangimentos);

A maior incidência de bullying ocorre entre a faixa etária de 11 a 13 anos, logo a educação infantil e o ensino médio tem menor frequência de bullying, diferentemente do ensino fundamental. (Ravens, 2004; Lyznicki, 2004; Eslea, 2001 apud Lopes Neto, 2005). Para tanto, este estudo justifica-se buscando intervir na frequência de bullying na escola, compreendendo essa ação de agressão como mais presente nesse ambiente, que afeta crianças e adolescentes, fazendo com que os mesmos fiquem com a saúde vulnerável.

O referido estudo objetiva analisar a prevalência do bullying nas suas diversas tipologias no ensino fundamental II da Escola Estadual Ernesto de Souza Leite, localizada na cidade Tuparetama, Pernambuco, Brasil.

Metodologia

Esse estudo foi desenvolvido durante o projeto de extensão UFPE no meu quintal, que ocorreu no período de 22 a 29 de julho de 2018, na cidade Tuparetama, localizada no sertão do pajeú no estado de Pernambuco. Efetuou-se um estudo descritivo de cunho quantitativo, autorizada pela secretaria de educação e pela diretoria da instituição pesquisada. O questionário apresenta três perguntas, cada uma com dois itens, no qual o segundo item se repete nas três alternativas buscando classificar o tipo de bullying, são eles as seguintes perguntas: 1.1 Você já sofreu bullying?; 2.1 Você conhece alguém que já sofreu bullying?; 3.1 Você já presenciou uma cena de bullying?; Item dois de todas as questões apresenta os seguintes tipos de bullying: físico, material, moral, psicológico, sexual, social, verbal e virtual.

Foi realizado durante a oficina “prevenir e combater ações de bullying”, na Escola Estadual Ernesto de Souza Leite. Os critérios de inclusão para a pesquisa foram a participação de 73 alunos do 6º ano e 31 do 9º ano do ensino fundamental na oficina ministrada. Foram excluídos do estudo professores presentes durante a oficina e os monitores auxiliares do projeto. A ferramenta de coleta de dados de pesquisa foi um questionário de perguntas fechadas, aplicado aos adolescentes após as dinâmicas da oficina sobre bullying. Os dados foram contabilizados com a utilização do programa Excel e Word, analisados mediante estatísticas descritivas com frequências absolutas e/ou relevantes.

Resultados

O total de participantes foi de 104 estudantes, sendo 31 da turma de 9º ano e 73 da turma de 6º ano, com idades de 12 a 15 anos de idade. Dos 73 alunos do 6º ano do fundamental, 59 já sofreram algum tipo de bullying e 14 não sofreram, o que resulta em cerca de 81% (oitenta e um) e 94% (noventa e quatro) que já sofreram bullying do 9º ano, onde 29 dos 31 alunos classificaram-se nessa categoria. Logo, a primeira questão permite identificar que 85% (oitenta e cinco por cento) dos alunos entrevistados já sofreram algum tipo de bullying.

O item dois da primeira questão, válida para os referidos 85% dos alunos que marcaram sim no item anterior, é apresentado a seguir, classificando qual o tipo de bullying foi sofrido por cada turma, sendo ainda, quantificado. Foi possível analisar que o tipo mais frequente de bullying vivenciado nos 6º e 9º anos são o verbal (bullying verbal consiste em insultar ou falar mal de forma repetitiva, criar apelidos que humilham as pessoas e outros atos verbais ofensivos vivenciados de forma repetitiva), seguido pelo material (que é o ato de roubar, furtar ou destruir as coisas de alguém) e social (referindo-se a ignorar, isolar ou excluir um amigo do convívio social); Mais de um terço (1/3) do bullying sofrido pelos alunos do 6º ano são do tipo verbal já, para alunos do 9º ano, a significância é 25% (vinte e cinco).

O item um da segunda questão quantifica a incidência de bullying conhecido e como o mesmo foi vivenciado por outras pessoas; os dados apresentam que 96% (noventa e seis) conhecem alguém que já sofreu e apenas 4% (quatro) que não conhecem alguém que sofreu bullying. No 6º ano do fundamental II, 95% (noventa e cinco) conhecem e no 9º ano são os 100% que conhecem. Dos mencionados, 96% do item a segunda questão, 42 dos 69 alunos do 6º ano que afirmaram já ter ouvido algum tipo de relato sobre a vivência de bullying citaram o bullying do tipo verbal, seguido de 26 relatos do tipo material e 26 do tipo físico (violência física, como socar, chutar ou empurrar um colega repetidas vezes). Entre os 31 alunos do 9º ano, 18 citaram o bullying verbal, seguido de 11 do tipo físico e 10 do tipo psicológico (perseguir, amedrontar, aterrorizar, manipular, intimidar dominar ou chantagear uma pessoa).

A questão três trata do bullying presenciado, onde o indivíduo se colocar no lugar de testemunha da ação, frente ao autor/autores e o alvo/alvos no momento. 83% (oitenta e três) já presenciaram algum tipo de cena de bullying e 17% (dezessete) não presenciaram ações desse tipo. Os alunos do 6º ano representam 84% (oitenta e quatro) desse total, mais os 81% (oitenta e um) dos alunos de 9º ano. Dos citados 83% que equivalem que presenciaram algum tipo ações de bullying, 41 alunos do 6º ano já estiveram presentes na prática do bullying verbal, 25 no tipo físico e 22 pessoas no tipo material, referente ao item dois da terceira questão. Do 9º ano do fundamental II, 15 alunos presenciaram o bullying do tipo verbal, 10 do tipo físico, 9 tipo psicológico e 9 do tipo sexual (assediar, passar a mão, induzir ou abusar de colegas).

Discussão

Os achados deste estudo apontam que, a maioria dos alunos já sofreram bullying; Do total da amostra estudada, 85% dos entrevistados afirmam já ter sido vítimas desse tipo de agressão. Esse dado, diverge dos achados de Marcolino(2018), que demonstram em seu estudo sobre a “prevalência e fatores associados a vitimização e a agressão no cotidiano escolar”, trazendo dados contrários a esta hipótese. Dentro desse estudo, de 585 entrevistados, 66%, ou seja, 386 indivíduos não foram vítimas de bullying, enquanto 199, sendo 34% destes indivíduos foram vítimas de bullying.

Outro dado a ser discutido refere-se a faixa etária de 11 a 13 anos, onde segundo Ravens, 2004; Lyznicki, 2004; Eslea, 2001 apud Lopes Neto, 2005, se tem a maior prevalência de bullying; Os alunos nesse período encontra-se no ensino fundamental II, que é grupo selecionado para esta pesquisa, onde apresenta-se alto índice de bullying, esse dado converge com os achados de (Nikodem e Piber, 2011, apud Moura, 2013), onde afirma-se que isso ocorre devido a faixa etária de 11 a 14 anos ser uma fase de grandes mudanças físicas do próprio corpo.

Seguindo os achados de Bandeira e Huts (2012) na sua pesquisa de “bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros” e Silva (2016) na pesquisa sobre “o fenômeno

bullying, diferenças entre meninos e meninas”, o bullying do tipo verbal é o mais prevalente, os achados de Bandeira e Hutz afirmam que 61% dos entrevistados já sofreram com esse tipo de bullying e Silva, apresenta que 27% do total dos entrevistados em sua pesquisa também foram vítimas deste tipo de agressão, esses dados convergem com os achados desse estudo, onde 38% dos entrevistados 6º ano e 25% dos alunos do 9º ano já sofreram o mesmo, afirmando assim a hipótese. Ainda, 58% dos alunos entrevistados conhecem alguém que já sofreu bullying verbal e 56% já presenciaram alguma cena referente a este tipo de bullying.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que nesse estudo o bullying está presente entre os alunos com faixa etária entre 12 a 15 anos de idade, inseridos no ensino fundamental II da Escola Estadual Ernesto de Souza Leite. Cabe ainda salientar, que o tipo de bullying mais prevalente foi do tipo verbal, sendo este, contabilizado com percentual total de 50% da análise realizada, seguido do tipo social e material.

Referências

BANDEIRAS, C. M.; HUTZ C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 16, p 35-44, jun. 2012.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*. Elsevier, New York, v. 27, p. 90-126, out. 2006. Disponível em: <<https://www.detweedeverdieping.nu/images/pdf/Update%20on%20bullying%20at%20school.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BRASIL. Lei n. 13.185, de 06 de nov. de 2015.. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasil, p. 01-01, nov. 2015.

ESLEA M, Rees J. At what age are children most likely to be bullied at school?. *Aggr.Behav.*2001;27:419-29.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz; Ed. Verus, 2005

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Adolescência: uma fase de oportunidades. New York, Fev de 2011. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcr11web.pdf Acesso em: 15 agos. 2018.

GUARESCHI, A. P. Silva, M. R. Da. (Coord.) Bullying Mais Sério do que se imagina. 2ª. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008

LOPES, A. A. N. Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudiantes. Em C. B. Silva & C. M. Lisboa (Eds.), *Violencia escolar* (pp. 297-335). Santiago de Chile: Universitária, 2005.

LYZNICKI JM, Mc Caffree MA, Rabinowitz CB, American Medical Association, Chicago, Illinois. Childhood bullying: implications for physicians. *AmFamPhysician.* 2004;70:17238.

MOURA, R. R. B. da S. O fenômeno bullying suas consequências em uma turma do 7º ano do ensino fundamental no município de vertentes pernambuco. Revista Lugares de Educação, Bananeiras/PB, v. 3, n. 5, p. 210-227, jun. 2013.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G.. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. Psicol.teor. prat., São Paulo, v. 15, n. 2, ago. 2013.

OLWEUS, D. Bullying at school. What we know and what we can do. Oxford, UK: Blackwell, 1993.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. Ciência e Saúde Coletiva, São Paulo, out. 2014.

RAVENS-SIEBERER U, Kökönyei G, Thomas C. School and health. In: Currie C, Roberts C, Morgan A, Smith R, Settertobulte W, Samdal O, et al. (editors). Young people's health in context.survey.Health Policy for Children and Adolescents; N° 4.World Health Organization.2004. p. 184-195.

ROLIM, M. Bullying: o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SAWAYA, S. M. Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar. In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUSA, D. T. R.; REGO, T. C. (Org.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. p. 197-213. São Paulo: Moderna, 2002.

SILVA, F.; O fenômeno bullying, diferenças entre meninos e meninas. Revista reflexão e ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 26-46, jan/abr. 2016.

TORO, G. V. R.; NEVES, A. S.; REZENDE, P. C. M. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. Psicol.teor.prat., São Paulo, v. 12, n. 1, jan. 2010.

WHO, World Health Organization. Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

ZEQUINÃO, M. A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan. 2016.